ARNALDO BLOCH

arnaldoblochl@gmail.com

Esse Chico...

O livro de Chico, sábado, na mesa da sala me chama e diz: pare tudo, pare a crônica, a TV, pare com esse pianinho, é hora de ler "Essa gente". Na mesa da sala, livro de Chico tem poder. Muiraquitã, talismã e quase que emendo numa letra do Djavã (sic). Mais ainda que moro no Alto Leblon, onde se passa metade do livro. A outra metade é no Vidigal, onde, por sinal, morei, tempo atrás, metade do meu tempo. O livro de Chico, à medida que leio, vai me dizendo, de mim para mim, coisas não escritas: que sou do Leblon, mas não dou porrada em índio velho, não esculacho os zeladores nem ando armado, não digo "seu merda" mostrando cano. Só nos sonhos entrelaçados com a vida, de que Chico é narrador fabuloso, a gente encontra alívio criativo e mesmo cômico, para a pobreza de espírito que, qual masmorra, nos mantém submersos no lodo da burrice endêmica.

Burrice que se cheira, aqui, também, no canal da Visconde de Albuquerque, onde, igual ao personagem do Chico, já vi, em dia de tempestade, cair um ficus bem na minha frente, fiz até foto e postei, o pessoal curtiue chorou pela árvore.

No edema de fanfarronices sanfonadas a quatro ventos nas multimídias redes sociais, a gente vai levando e repetindo medleys de refrãos dos anos de chumbo com uma atualidade assombrosa: vai-passar-apesar-de-você-amanhã-há-de-ser-outro-dia, murmuro, qual trem, junto com os passos de paralelepípedo. Levo na mão o livro do Chico, a capa virada para o exterior, pra essa gente ver. Qual é? Vai encarar? Livro de Chico é cartaz, manifesto, estandarte. Quando cheguei ao Leblon o bairro ainda tinha jeitinho de pequeno, um Leme do lado de cá, mas foi ficando posudo, essa gente que já o tinha enchido de um bafo cosmético, respirado por narizes torcidos (e em pé), de pânico que o metrô trouxesse, pro lado de cá, a caravana do Arará, e olhe eu, de novo, aos refrãos.

O livro vai me dizendo, de mim para mim: sou do Leblon, mas não dou porrada em índio velho, não esculacho os zeladores, nem ando armado

Aliás lendo Chico tenho a sensação insana de ouvir sua voz cantarolar a prosa-canção em chique tecelagem. Se for até o piano não saberei dizer aos dedos quais são as notas. Talvez apareçam em sonho, igual ao protagonista: sinestésico, o Duarte alia cheiros e sons que se antecipam ao nascimento da imagem, e se irmanam no porvir dos sonhos.

É que Chico não mistura ficção e realidade, essa frase, a mais gasta, vazia, e abusada da história das letras. Chico é a ficção que tudo abrange, a fabulação que contém o concreto, o sensorial que contém o cotidiano. E o "real", terrível, fora de tudo, do qual só suspeitamos, fugaz, como raio.

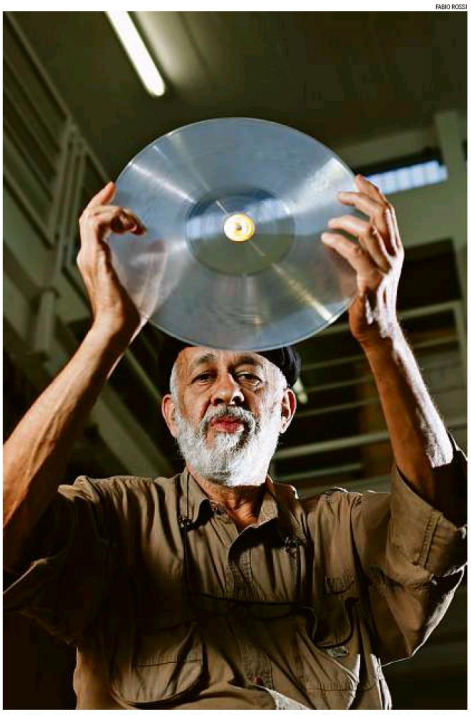
A realidade que grita no livro não é a do protagonista, é a da cidade, outrora partida, hoje mutilada, castrada. Ressoando, contudo, em suas entranhas e ausências, uma voz imemorial, de um Orfeu Negro, transmutado, hoje, em eunuco, donde cito, sem spoiler, meandros simbológicos do livro. E voltando a ele, livro, é como se, em trágica polifonia, discursos autônomos, de diferentes vozes, tomassem vida, com aparência de diário quase epistolar. Mas são "cartas" que a vida escreve de si para si, sem dono, sem autor, de todos para todos, vivos, mortos, sonhadores, sonhados, ditos, impressos, gravados, reais, virtuais, matéria, onda, água do mar.

A 'voz do aeroporto' eternizada como arte

Cildo Meireles mostra na Mul.ti.plo disco com locução de Iris Lettieri, projeto que levou 42 anos para ser realizado

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

FABIO ROSSI



Translúcido. Cildo em seu ateliê com o disco "Isto", que está entre os trabalhos inéditos de sua individual de múltiplos

Por quase 40 anos, Iris Lettieri foi conhecida como "a voz do aeroporto", após ser contratada em 1976 pela Infraero para gravar os anúncios de voos no Galeão, e, mais tarde, em aeroportos como Guarulhos e Congonhas (São Paulo), Eduardo Gomes (Manaus) e Foz de Iguaçu (Paraná). Com seu tom inconfundível, a locutora, apresentadora e atriz passou a fazer parte da memória afetiva dos brasileiros e conquistou também admiradores estrangeiros: sua voz está presente em "Crack Hitler", faixa do disco "Angel dust" (1992), do Faith No More.

Aos 78 anos, Iris seguiu trabalhando com locução, após deixar de gravar para aeroportos e o serviço de BRT no Rio. Assim, ela foi procurada no ano passado com uma proposta inédita: colocar sua voz numa obra de arte. Desta forma nasceu o disco "Isto", obra de Cildo Meireles com a voz da locutora em *loop*, falando frases como "Isto está sumindo", "Isto está desaparecendo", "Isto está se apagando", "Isto está acabando". O trabalho está entre os inéditos da individual "Múltiplos singulares", que o artista abre hoje na galeria Mul.ti.plo., no Leblon, e a voz de Iris será ouvida pelo ambiente, como numa instalação.

— Após a galeria entrar em contato, conheci o Cildo e ele me falou do projeto. Quando me perguntou quanto seria a locução, não soube responder. Tenho preço para publicidade, eventos, até para espera telefônica, mas obra de arte eu nunca tinha feito na vida — diverte-se Iris. — Em 2019 completo 60 anos de carreira, vejo esta obra como um grande presente.

Concebido na década de 1970, época em que Cildo desenvolveu trabalhos em registros sonoros, como os LPs "Sal sem carne" (1975) e "Rio oir" (1976), "Isto" levou 42 anos para ser realizado, tendo como condição que a locução fosse feita por Iris.

— A voz da Iris é uma espécie de bem cultural imaterial do Brasil — diz Cildo. — É impressionante como a voz se mantém exatamente igual. É como se o disco tivesse sido gravado há 40 anos.

A ideia da exposição de múltiplos vem sendo debatida há dois anos com o curador Paulo Venâncio Filho, e será a primeira do artista no Rio em quase dez anos — a última foi uma mostra de gravuras no Museu da Chácara do Céu, em 2010. O ponto de partida foi um objeto em formato de uma caixa de fósforo que remonta à instalação-performance "Sermão da Montanha: Fiat Lux", montada em 1979 no Centro Cultural Candido Mendes, em Ipanema. Vista por poucas pessoas, já que durou apenas 24 horas, a instalação consistia em um bloco de 126 mil caixas de fósforos, cercada por atores que fingiam ser seguranças e espelhos com frases do Sermão da Montanha.

— O chão era coberto de lixa, dava a sensação de riscar um fósforo ao andar, o que aumentava a tensão do público — recorda o artista de 71 anos. — Gosto de trabalhar com essa sensação de medo, e ela aguça os sentidos.

Entre as 16 obras da individual, outros objetos criam relações com trabalhos anteriores, caso dos "Metros" e das novas notas de "Zero dólar".

— É uma boa chance para analisar um artista que trabalha em várias escalas, da instalação ao objeto. Ser um múltiplo ou uma obra única é uma questão secundária, até porque o Cildo joga com todas estas dimensões — observa Venâncio .

NOVAS INSERÇÕES

Além da individual no Rio, Cildo está em cartaz, desde setembro, com a panorâmica "Entrevendo", no Sesc Pompeia, em São Paulo. Nos últimos dias, o artista surpreendeu ao publicar em jornais de grande circulação — "Folha de S. Paulo" (em 10/11) e "O Estado de S. Paulo" (17/11) — um díptico que faz parte da série "Eureka/Blindhotland", inserido em meio ao espaço editorial sem nenhum tipo de identificação. Nem o artista ou a curadoria falam sobre a ação, para não quebrar o fator surpresa, mas outras inserções devem ser realizadas até o fim da exposição em São Paulo, em fevereiro.

Onde: Mul.ti.plo — Rua Dias Ferreira, 417, sala 206, Leblon (2259-1952). **Quando:** Seg. a sex., das 10h às 18h30; sáb., das 10h às 14h. Até janeiro de 2020. Abertura hoje. **Quanto:** Grátis. **Classificação:** Livre.

Ex-presidente do Ibram será novo diretor do IMS

Atualmente no comando da Japan House, Marcelo Araujo substituirá Flávio Pinheiro à frente da instituição a partir de abril

DIVULGAÇÃO/ ROGÉRIO CASSIMIRO

Experiência. Araujo foi diretor de museus e secretário de Cultura de SP

A partir de abril de 2020, Marcelo Araujo assumirá o posto de superintendente-executivo do Instituto Moreira Salles no lugar de Flávio Pinheiro, no cargo há mais de onze anos, que deixa a instituição em maio do próximo ano. Até março, Araujo cumpre compromissos profissionais com a Japan House, instituição que dirige desde outubro de 2018 em São Paulo. Com sua chegada, completa-se uma transição iniciada com a nomeação, em agosto de 2019, do português João Fernandes, até então sub-diretor do Museu Reina Sofia, em Madri, para o cargo de diretor artístico.

Marcelo Araujo e João Fernandes terão como base São Paulo, dividindo o tempo de trabalho com presenças constantes em Poços de Caldas, onde o instituto nasceu em 1992, e no Rio de Janeiro. É na sede do Rio, na Gávea, que estão localizados todos os acervos do instituto, como o de fotografia, com 2,2 milhões de imagens de nomes como Marc Ferrez e Marcel Gautherot. Em agosto, o instituto também adquiriu a coleção do pesquisador e colecionador Leon Barg, com mais de 31 mil discos de 78 rotações, passando a deter o maior acervo fonográfico no formato, no Brasil.

Marcelo Araujo tem vasta experiência como gestor de instituições culturais. Foi diretor do Museu Lasar Segall, da Pinacoteca de São Paulo, ocupou o cargo de Secretário de Cultura do Estado de São Paulo e presidiu o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), então ligado ao Ministério da Cultura. Em agosto de 2018, pediu exoneração do cargo para ocupar a direção da Japan House. Atualmente é membro do Conselho Executivo da Fundação Bienal de São Paulo.

pressreader PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER PressReader.com +1 604 278 4604 COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW